
FRANKLIN, John Hope. *Raça e História. Ensaios selecionados (1938-1998)*. Tradução: Mario Gama. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

Rosangela Ferreira LEITE*

Duas ordens de problemas entravam as pesquisas e debates sobre a história dos Estados Unidos no Brasil. O primeiro refere-se ao próprio mal estar causado pelo estudo do maior império da época contemporânea, cuja política e atuação internacional há muito não agradam os mais diferentes grupos sociais no terceiro mundo. O segundo diz respeito à própria propaganda do Estado Norte Americano, que através dos meios de comunicação domina o cenário das idéias, provocando um mecanismo empobrecedor dos conteúdos políticos e da construção da história daquele país.

O historiador disposto a analisar os EUA não está protegido de nenhum dos dois riscos. Construir conhecimento em História significa criar, por assim dizer, os objetos da própria observação. Tarefa perigosa! Já que a elaboração da problemática é que define o campo semântico do objeto e não o contrário.

Como, então, problematizar a partir do Brasil sobre a História dos EUA? Quais sentidos os processos de conformação daquela nação podem adquirir em nossas áreas centrais de discussão? A quem e para quem interessa repensar marcos da história daquele império?

Um livro, ainda que bastante antigo, parece nos auxiliar nas respostas a essas indagações. Trata-se dos artigos reunidos sob o título *Raça e História* de John Hope Franklin. O material de pesquisa foi selecionado e seus resultados apresentados entre os anos de 1938 e 1998. A primeira edição norte americana surgiu em 1989. Dez anos mais tarde, lançou-se a obra no Brasil.

No contexto brasileiro, o ano de 1999 representava uma encruzilhada de idéias: estava-se, por um lado, diante dos desdobramentos provocados pelas comemorações da abolição da escravidão e, por outro, assistia-se a um desenvolvimento das pesquisas em história comparada. As discussões sobre escravidão, etnia e miscigenação ecoavam nos dois pólos do debate. A percepção sobre as diferenças entre as experiências escravistas testemunhadas na América do Norte ilustrava nosso desejo de compreender o outro, mas, sobretudo, nossa vontade de ir adiante em pesquisas sobre o sistema escravista que por aqui se instalou.

Muito se avançou nas contendas sobre as particularidades da nossa escravidão, sobre os sentidos e formas de violência e sobre as possibilidades de revolta e intervenção dos escravos nos caminhos da política escravista. De muito menor alcance, no entanto, têm sido as pesquisas sobre o papel dos negros na sociedade pós-escravidão e sobre as formas sociais de reiteração dos preconceitos e das discriminações. Passados dez anos, o livro de Hope continua expondo uma ferida essencial para os historiadores brasileiros. Trata-se de compreender o diálogo que deve estabelecer entre as fontes, a produção dos textos em história e as práticas de intervenção social. O autor defende a idéia de história verdadeira. Define saberes essenciais para o avanço do conhecimento histórico e passa boa parte da obra revisitando documentos e ponderando sobre as distorções que outros pesquisadores empreenderam com base no mesmo material.

* Professora da Faculdade de História – PUC-Campinas

Para Hope, a essência da produção histórica não se separa da política de Estado. O lugar que esse conhecimento ocupa serve para aprisionar ou libertar valores que indicam caminhos de grupos humanos inteiros, saberes acumulados que instituirão novos cânones e derrubarão muralhas da nação.

A questão da raça, nesse sentido, não é uma mera chave explicativa. A percepção apresentada no livro indica que a definição de raça, historicamente construída, se entrecruza com a própria definição da História, no caso norte americano. Para explicitar essa idéia, vale retomar um exemplo exaustivamente discutido no livro. Refere-se ao filme *O Nascimento de Uma Nação*, de D. W. Griffith. A película foi uma livre adaptação da obra de Dixon, produzida entre o final do século XIX e início do XX. No filme, a heróica empreitada dos brancos, por um país livre, justo e cristão desemboca no surgimento da Ku Klus Klan. A essência da idéia de Dixon foi refeita sob o gênio de Griffith. Este último, pai fundador de técnicas do cinema que surgia naqueles primeiros anos do novo século.

Para Hope, os fenômenos não se apresentam como meras coincidências. No início do século XX, um dos métodos fundamentais do cinema foi o de eliminar os pontos de intervalo, concentrando a ação no tempo e produzindo representações filmicas desejadas. Neste caso, as atuações do roteirista e do diretor tornaram-se fundamentais, pois eram eles que construíam o argumento, por meio de seqüências, cortes e montagens que edificavam a aparência exibida na tela. Daí a relevância da produção empreendida a partir de Griffith.

A preocupação central, no caso dessas produções, não era com a realidade. Novas noções de tempo e espaço surgiram de situações corriqueiras. A atmosfera do filme passou a envolver, suscitar sentimentos no espectador e criar formas diferenciadas de se perceber os acontecimentos do dia a dia.

O tempo do cinema, longe do tempo real da ação, possibilitou ao telespectador atravessar, por uma porta nova, o universo que o levava à História. A sétima arte, ao passo que reconstruiu a noção de tempo, recriou a própria relação do indivíduo com a memória, esta última, matéria fundamental para a construção da História.

No que se refere à contemporaneidade, pode-se argumentar que a história do cinema confunde-se

com o próprio desafio de compreender esse tempo conturbado e matizado pelas novas técnicas. De onde se depreende que a técnica enquanto procedimento humano inscrito no espaço e no tempo é mecanismo intrínseco no próprio desenvolvimento da humanidade. Tais considerações não empobrecem os sentidos da arte, ao contrário, o mundo da produção humana é também o mundo da criação. Uma criação dos homens, do tempo e da política. A *première* do *Nascimento de Uma Nação* foi exibida na Casa Branca, depois do lançamento do filme, a Ku Klus Klan foi restabelecida nos EUA.

A partir desses pressupostos - construídos nas 100 primeiras páginas da obra *Raça e História* - torna-se possível reconhecer os argumentos fundamentais da produção do historiador negro e militante. A velha dicotomia entre Estados desenvolvidos no norte e um sul escravista nos EUA é redefinida pela leitura de Hope Franklin. Segundo ele, a declaração da independência, calcada na consciência branca e no comércio escravista, criou uma dicotomia que se resolveu pela construção de “dois mundos raciais”. A manutenção desses dois mundos foi a base para a conformação da nação, e a Guerra Civil representou o ponto máximo dessa intersecção entre formas de vida e conteúdos políticos. Os resultados mais imediatos desse processo foram pôde ser percebido pela análise do surgimento de escolas e igrejas negras que emergiram em comunidades do norte, onde a escravidão se extinguiu. Os dois mundos raciais prescindem de um espaço geográfico e sua construção na geografia dá uma nova dimensão à História dos EUA.

Os exemplos poderiam se multiplicar. Hope tem um sério compromisso em recuperar a historiografia sobre a Carolina do Norte, bem como em envolver as lideranças negras num novo contexto de produção de idéias. As idéias, os homens e o tempo vão funcionando como matéria, ao longo do livro, para o autor construir sua tese central: a exclusão é que inventa a nação Norte Americana. O nacional surge como resultado da intersecção entre **Raça e História**. Uma não existe sem a outra e sem elas o tempo ficaria à espera de sentido nos Estados Unidos da América.

O livro termina com uma breve exposição sobre o papel do intelectual norte americano e a política externa americana. Para o autor, interferência política e

construção de saberes devem sustentar a ação desses profissionais. Resta compreender que os textos de Hope foram escritos durante a Guerra Fria, contexto em que política externa e construção de idéias indicavam caminhos muito específicos para a humanidade. Esse fato não diminui a qualidade do livro, mas o expõe seus limites. A própria discussão sobre raça ganhará novos contornos nas décadas que se seguiram à publicação dos textos. No Brasil, a matéria fundamental

apresentada por Hope, no entanto, continua a ressoar sem respostas. Teremos que buscar compreender, nos próximos anos, a inter-relação entre projetos raciais, construção da nação e desenvolvimento de um campo de conhecimento nos quadros da História. Essa reflexão, não poderá ser feita sem o diálogo entre as ciências humanas e o desenvolvimento da história comparativa. Enfim, há muito que se pensar sobre *Raça e História*.

